

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Como sucede com as demais **línguas românicas**, o português tem origem no **latim**. Tal significa que foi no período do domínio romano que se lançaram as bases da língua portuguesa, a qual, no entanto, preserva ainda hoje marcas da influência de línguas de outros povos que estiveram na Península Ibérica ou tiveram contactos culturais posteriores com os portugueses.

AS ORIGENS DO PORTUGUÊS

Quando os exércitos romanos ocuparam a Península, no século III a. C., iniciou-se o processo de introdução da civilização romana no território, a **Romanização**, que transformou as comunidades locais e o espaço que elas habitavam. Além de uma nova organização administrativa e de novas infraestruturas, os romanos trouxeram consigo a **língua latina**. Progressivamente, os povos que habitavam a Península Ibérica foram adotando o latim como idioma comum. No entanto, a língua que se difunde no território não é o chamado **latim clássico** — no fundo, o latim escrito, literário —, mas o denominado **latim vulgar**, conceito que remete para a língua falada, com todas as suas variantes sociais e regionais.

SUPERSTRATO	árabe
	línguas germânicas
LATIM	
SUBSTRATO	línguas iberas
	línguas célticas
	basco
	línguas dos cartagineses, dos fenícios e dos tartéssios

Antes da ocupação romana, outros povos habitavam (ou tinham habitado) diferentes áreas da Península Ibérica e alguns vestígios das suas línguas permaneceram no latim usado a partir do século III a. C. O ibero, o celta, o basco, bem como as línguas dos cartagineses, dos fenícios, dos tartéssios, são línguas faladas antes da chegada dos romanos; por isso dizemos, usando uma metáfora da geologia, que, com importância variável, funcionaram como os **substratos** dos romances peninsulares. Após a dominação romana, primeiro os povos germanos (suevos e os visigodos) e depois os muçulmanos invadem a Península Ibérica. As línguas que falam — línguas germânicas e o árabe — fazem sentir a sua influência e constituem os **superstratos** da língua nativa de estrutura latina (no caso do árabe, pode também falar-se de **adstrato**).

A influência das línguas de substrato e de superstrato varia consoante as regiões da România, ou seja, é diferente segundo os povos que estiveram em determinada área e segundo as línguas que aí falavam. Essa diversidade também contribuiu para a evolução do latim para **diferentes línguas românicas ou novilatinas**: o português, o galego, o catalão, o francês, o italiano, o romeno, etc.

Influência de substratos e superstratos em Português

Pouco se pode dizer com segurança acerca de manifestações concretas dos **substratos** no português. Certos traços fonéticos talvez se expliquem pela ação de substratos: a indistinção entre [b] e [v], dos dialetos portugueses setentrionais e de boa parte da península, pode ser atribuída ao substrato basco; e ao substrato celta se tem associado a evolução dos grupos iniciais latinos CL-, PL-, FL- para [tʃ] (*tch*). No léxico português reconhecemos algumas palavras de línguas pré-latinas: «várzea», «cama», «arroio», entre outras. E é também no léxico que é possível encontrar influências das línguas de **superstrato**: refiram-se os casos de «roupa», «luva», «ganso», que testemunham a presença germânica. Quanto a formas portuguesas de origem árabe, não faltam exemplos, relacionáveis com domínios que os árabes acarinharam: administração («alfândega», «alcaide»), profissões («alfaiate», «almocreve»), arquitetura («andaime», «açoteia»), agricultura («arroz», «azenha»), ciência («álgebra», «cifra»), alimentação («açorda», «almôndega»), música («alaúde», «adufe»), etc.

■ DO LATIM AO PORTUGUÊS

A **língua** (rigorosamente, **línguas**) **romance** — «romance» vem de *ROMANICE FABULARE*, ‘falar à maneira dos romanos’ — começa a ganhar identidade própria a partir dos **séculos vi e vii**, em grande medida, como resultado da ação dos substratos e dos superstratos, mas também da ação de outros fatores de diversificação relacionados, por exemplo, com a forma e a cronologia da romanização. Por esta altura, a Península Ibérica já era linguisticamente fragmentada, tendo em conta que já emergiam **diferenças entre os romances peninsulares** nas regiões que se viriam a designar galego-portuguesa, leonesa, castelhana, navarro-aragonesa ou catalã. A ocupação muçulmana, iniciada em 711, fará com que no centro e sul convivam falas moçárabes (os dialetos romances dos cristãos dos territórios muçulmanos) e o árabe.

■ O PORTUGUÊS ANTIGO (SÉCULOS XII A XV)

Na região galego-portuguesa, a língua continuará a diferenciar-se dos outros romances peninsulares. O português autonomizar-se-á progressivamente, sendo aí importante o processo de constituição do Reino de Portugal. Nesta fase inicial, a língua difunde-se para o sul do território com a Reconquista Cristã. Pode arriscar-se a *Notícia de Fiadores* (1175) como o texto mais antigo escrito em português, embora se trate de um texto recheado de expressões em latim, com muitos numerais e nomes. Da mesma época será um *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais*. Até há pouco, costumavam citar-se a *Notícia de Torto* e o *Testamento de Afonso II*, de 1214, como os documentos mais antigos escritos em português. Mas a língua falada antecede forçosamente a escrita.

Notícia de Torto

Início da *Notícia de Torto*: «De noticia de torto que fecerū a Laurēcius Fernādziz por plazo que fece Gōcauo Ramiriz antre suos filios e Lourēco Fernādziz...» («Da notícia do prejuízo que fizeram a Lourenço Fernandes por [causa do] pacto que fez Gonçalo Ramires entre os seus filhos e Lourenço Fernandes...»).

Ivo CASTRO, *Introdução à História do Português*, 2.^a ed., 2006, p. 130 (com adaptações).



Neste período estará também em marcha a diferenciação entre o português e o galego. E há desde cedo uma vontade de reconhecer a identidade da nossa língua e de a valorizar cultural e politicamente. No fim do século XIII, **no reinado de D. Dinis, a Chancelaria real adota o português como língua dos documentos oficiais**, substituindo o latim.

Vários são os traços que caracterizam esta fase inicial; salientam-se aqui alguns entre os mais relevantes. O sistema fonético (o conjunto de sons da língua) não diverge substancialmente do que hoje temos; as principais diferenças residem na existência de vários hiatos (encontros de vogais pertencentes a sílabas diferentes e que, portanto, não se pronunciam como ditongos) — as palavras «soo» (só) e «mão» (mão), exemplo do resultado da síncope de -l- e -n- intervocálicos, tinham então duas sílabas — e na existência de consoantes africadas como [tʃ] (em «chão») ou [dʒ] (em «gente»).

Morfologicamente, muitas palavras tinham formas que desapareceram posteriormente, como as cantigas medievais atestam. A par dos possessivos «minha», «tua» e «sua» ocorriam as formas átonas «ma», «ta», «sa». As formas verbais da segunda pessoa do plural mantêm o -d-, que mais tarde cairá (*fazedes*; *amades*). Encontramos ainda palavras cujo género gramatical não coincide com o de hoje: «linhagem» e «linguagem» eram masculinos. No plano lexical, regista-se um número apreciável de empréstimos de palavras francesas (*dama*, *sage*) e provençais (*assaz*, *trobador*).

■ O PORTUGUÊS CLÁSSICO (SÉCULOS XVI A XVIII)

Nos domínios fonológico e morfológico, durante os períodos médio (correspondente à fase final do português antigo) e clássico observa-se a progressiva eliminação dos hiatos típicos do português antigo (*cre-o* [< CREDO] > *creio*; *lã-a* [< LANA-] > *lã*), e a uniformização das terminações nasais (*mã-o* [< MANU-] > *mão*; *pã* [< PANE-] > *pão*; *oraçõ* [< ORATIONE-] > *oração* — comparem-se estas formas de singular com os respetivos plurais «mãos», «pães», «orações»). Assiste-se também à síncope do *-d-* nas desinências verbais da segunda pessoa do plural (*amades* > *amais*; *fazedes* > *fazeis*), substitui-se o participio passado em *-udo* por *-ido* nos verbos da 2.^a conjugação (*perduda* > *perdida*).

No início do século XVI, tinham ocorrido as grandes mudanças que aproximam o português da sua configuração atual, concluindo-se assim um ciclo que podemos considerar de formação e elaboração da língua portuguesa. A Expansão marítima e o Renascimento (de meados do século XV a fins do XVI) deixarão, por outro lado, as suas marcas no português clássico.

Na verdade, os Descobrimientos marítimos colocam Portugal em contacto com povos de outros continentes, com culturas e línguas próprias. É sobretudo o léxico que se alarga com a introdução de termos provenientes de línguas africanas (*macaco*, *inhame*, *mis-sanga*), orientais (*biombo*, *mandarim*, *canja*, *catana*) e ameríndias (*abacaxi*, *amendoim*, *caju*, do tupi; *tomate*, *cacau*, do nauatle). Os vocábulos estão maioritariamente relacionados com realidades dessas culturas bem como com os produtos que a Europa importa.

Por outro lado, nesta época entra na língua portuguesa um elevado número de helenismos e latinismos (palavras de origem grega e latina) como resultado do fenómeno cultural do Renascimento. Os humanistas valorizaram e recuperaram as culturas e as línguas da antiguidade greco-latina. Se a base do português se constitui a partir do latim vulgar, os termos latinos entram neste período por via culta, em muitos casos pela influência de autores como Camões ou João de Barros. Alguns latinismos que enriquecem o português nesta fase são: *orbe*, *rapace*, *lácteo*, *argênteo*. Entre os helenismos, mesmo se intermediados pelo latim, contam-se: *ode*, *átomo*, *ninfa*, *epopeia*.

■ O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO (DO SÉCULO XIX À ATUALIDADE)

A literatura, a codificação gramatical e o aumento da escolarização contribuíram para estabilizar a língua nos últimos duzentos anos.

O português contemporâneo herda as estruturas gramaticais e lexicais da fase anterior. No entanto, suaviza o peso que o grego e o latim têm na língua — não vingam certos vocábulos eruditos, mas integram-se termos que descrevem, sobretudo, conceitos científicos e técnicos: *oftalmologia*, *ecológico*, *exógeno*, *televisão*. O português torna-se mais recetivo à influência, primeiro, do francês (*garagem*, *bisturi*, *cassete*) e, depois, do inglês (*líder*, *futebol*, *hotel*, *scanner*). Os empréstimos desta língua fazem sentir-se sobretudo nas áreas da ciência, da tecnologia e do espetáculo.

Na viragem para o século XXI, o português é uma língua de comunicação internacional:

- é falado em quatro continentes;
- é a 3.^a língua europeia mais falada no mundo, depois do espanhol e do inglês, e ocupa a 5.^a posição no *ranking* mundial de falantes, liderado pelo mandarim;
- tem mais de 250 milhões de falantes nativos (Observatório da Língua Portuguesa);
- tem estatuto oficial na União Europeia, no Mercosul e na União Africana;
- é língua oficial de nove países (CPLP): Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Timor-Leste e Guiné Equatorial¹;
- é largamente falado ou estudado como segunda língua em muitos países.

(1) Para que a Guiné Equatorial se pudesse tornar membro pleno da CPLP foram impostas pelo bloco lusófono duas condições: uma moratória sobre a pena de morte e a promoção do uso da língua portuguesa. Neste momento, o português é uma das línguas oficiais do país, a par do espanhol e do francês (www.cplp.org), e vigora um dispositivo legal que suspende a pena de morte.